

Luís Corujo

Resumo: A investigação no âmbito da Ciência da Informação tem à sua disposição uma grande variedade metodológica, intrinsecamente ligada à gama de enquadramentos teóricos, abordagens e técnicas. Partindo de uma investigação relativa à Avaliação Arquivística de Informação Eletrónica, pretende-se identificar e analisar métodos de abordagem qualitativa com potencial para serem utilizados no desenvolvimento desse estudo. Procedeu-se a uma revisão teórica da literatura recolhida em bases de dados bibliográficas, sobre metodologia, métodos e técnicas de carácter qualitativo no âmbito das ciências sociais. Tal resultou numa análise dos enquadramentos teóricos, abordagens e técnicas utilizáveis no âmbito da Ciência da Informação, enfatizando-se os métodos qualitativos. Conclui-se que as questões abordadas são comuns a todas as áreas da investigação e que todas estas metodologias estão aptas para serem utilizadas em estudos de Ciência de Informação, na medida em que permitem ampliar a variedade e a profundidade da abordagem das problemáticas estudadas.

Palavras-chave: Avaliação arquivística; Enquadramentos teóricos; Informação eletrónica; Metodologias qualitativas

Abstract: Information Science research has at its disposal a great methodological variety, intrinsically linked to the range of theoretical frameworks, approaches and techniques. Under a research related to the Archival Appraisal of Electronic Information, it is intended to identify and analyze methods of qualitative approach with potential to be used in the development of this study. A theoretical review was carried out from the literature collected in bibliographic databases concerning methodology, methods and techniques of qualitative dimension in the social sciences. This resulted in an analysis of the theoretical frameworks, approaches and techniques that can be used in Information Science research, emphasizing qualitative methods. It is concluded that the issues addressed are common to all areas of research and that these methodologies are suitable for use in studies of Information Science, as they allow to widen the variety and depth of approach to the issues studied.

Keywords: Archival Appraisal; Electronic Information; Theoretical frameworks; Qualitative methodologies

Introdução

Os arquivistas debatem-se com questões originadas pelas mudanças tecnológicas, como o uso generalizado de computadores e registo digital da informação de arquivo (IA) nas organizações. Consequência deste facto é que a IA só esteja disponível em linha ou que os *e-mails* de trabalho podem nunca ter uma versão em papel. A evolução da IA digital processou-se rapidamente, enquanto que a capacidade de utilização e retenção dos arquivistas não acompanhou a velocidade dessa evolução, trabalhando hoje com formatos que não eram imaginados há 20 anos atrás e o número de documentos para arquivo aumentou. Com o aumento exponencial e rápido da potência de computação, os arquivistas sentem cada vez mais as implicações deste contexto na sua prática e teoria, como é exemplo a proposta de reconsiderar a ideia de rejeitar as atividades ligadas à eliminação da IA, pois

poderia guardar-se toda a IA digital, dado o baixo preço do armazenamento digital (RIDENER, 2009).

Freitas (2016) diz que é impossível manter toda a IA indefinidamente, algo confirmado pelo meio digital, devendo-se ponderar fatores como a especificidade do contexto e a transversalidade dos processos de negócio, para encontrar alternativas e soluções através de diretrizes, boas práticas e pontos de convergência/divergência no estudo da problemática, dando cumprimento à função e missão dos curadores digitais. A curadoria do património documental requer a avaliação arquivística, para identificar o que conservar, como, porquê, por quanto tempo, com que meios e consequências. Cook diz que a avaliação é o ato fundamental desenvolvido por arquivistas, que decidem manter ou destruir a IA, o que coloca alguns registos e seus produtores no “pedestal da memória” e remove outros da memória social. Teoricamente, tal significa que o seu resultado seria a retenção de 5% da informação das grandes organizações, e ainda menos no caso dos cidadãos e privados (RIDENER, 2009). A avaliação cria valor, pois as sociedades não se lembram de tudo, pelo que a memória cultural é criada através de esquecimento (KETELAAR, 2001).

Objetivos

Sendo este trabalho parte integrante de uma investigação de doutoramento que ainda está a ser projetada, pretende-se identificar e analisar, neste estágio, métodos “de ponta” ligados a uma abordagem de âmbito qualitativo (REY, 2006; CRESWELL, 2014) e com potencial para serem utilizados como ferramentas/instrumentos metodológicos no âmbito do desenvolvimento de um estudo que aborde a avaliação arquivística de Informação Eletrónica.

Metodologia

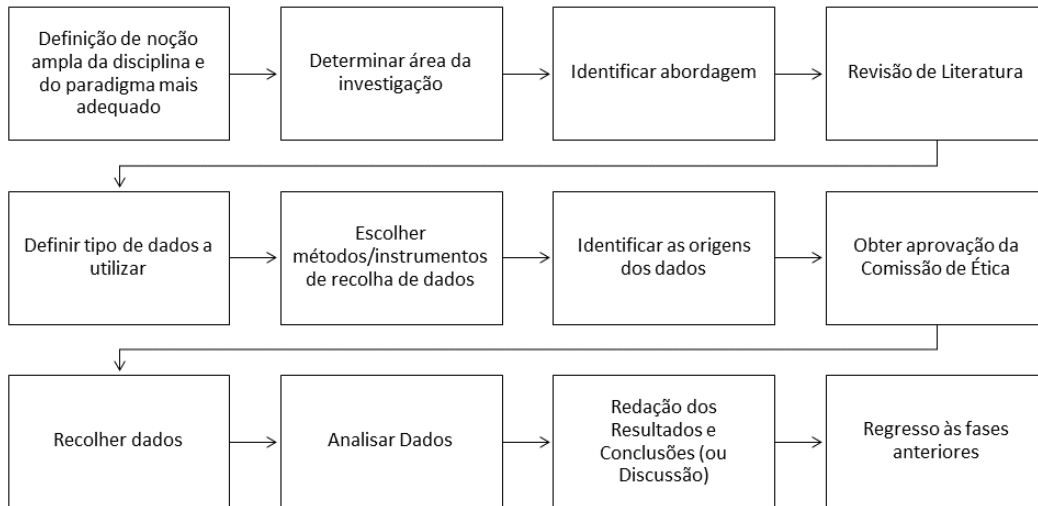
A seleção de fontes de informação inclui a pesquisa em bases de dados bibliográficos a definir *a priori*, para efeito de controlo do universo de análise, sobre metodologia, métodos e técnicas de carácter qualitativo no âmbito das ciências sociais, especificamente, da ciência da informação, biblioteconomia e documentação, e arquivística. Pretende-se posteriormente proceder à análise e revisão da literatura publicada neste âmbito (RIDLEY, 2012).

Resultados

Pretende efetuar uma revisão teórica da literatura, analisando os métodos que podem potencialmente ser utilizados na condução da investigação mais ampla onde se enquadra este estudo. No entanto, é de referir que a avaliação arquivística da informação eletrónica é apenas um motivo como outro para abordar estas questões, que são comuns a todas as investigações, principalmente porque este trabalho aborda paradigmas e métodos que se verificam não ter aplicabilidade em sede do estudo que se pretende fazer no âmbito da investigação de doutoramento.

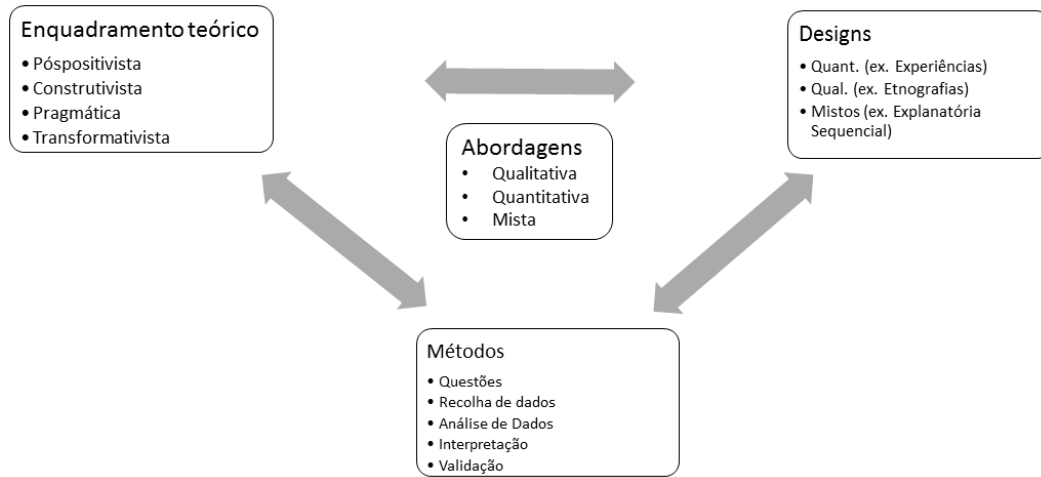
MacKenzie e Knipe (2006) apresentam um percurso de investigação composto por onze passos e que se identificam aqui com as fases de produção da investigação (Fig. 1).

Fig. 1 – Fases de produção da investigação (MACKENZIE e KNIPE, 2006, adaptado)



Este percurso seria iniciado pela definição de uma noção ampla da disciplina e do paradigma que se considera mais adequado à investigação, fazendo referência às perspectivas positivista ou pós-positivista, interpretativista/construtivista, pragmática e transformativista. Posteriormente seria determinar a área da investigação, e identificada a abordagem, que poderia ser, a título de exemplo, Histórico, Descritivo, Feminista, sobre Desenvolvimento, Estudo de Caso, Estudo de Campo, Correlacional, Causal-Comparativo, Experimental, Quase-Experimental, Investigação-Ação. Em seguida, decorreria a Revisão de Literatura, definindo o Problema de Investigação, ajustado à luz da literatura e a Questão ou Assunto de Investigação. Tal permitiria a definição do tipo de dados a utilizar, entre Quantitativos, Qualitativos ou Mistos, e também proceder à escolha métodos/instrumentos de recolha de dados, como por exemplo, os Inquéritos, as Entrevistas, a Análise Documental, a Observação, Testes, Experiências, Grupos Focais. Estes elementos são cruciais para identificar as origens dos dados (de onde, de quando, de quem), fase que inclui tarefas como a produção do Cronograma, definir quem recolhe os dados, desenvolver ou identificar ferramentas de recolha de dados, Avaliar essas ferramentas e mesmo melhorá-las. Seguidamente é necessária a obtenção de aprovação por parte Comissão de Ética, e que é definido pelo tipo de investigação e da origem dos dados. Somente após essa aprovação, haveria condições para recolher os dados, incluindo o seu armazenamento e gestão, organização e triagem, codificação e apresentação. Estes dados recolhidos seriam depois analisados temática e/ou estatisticamente, o que pode levar a mais recolhas de dados. A última etapa constitui-se na redação dos resultados e conclusões (ou discussão), o que implica voltar à literatura.

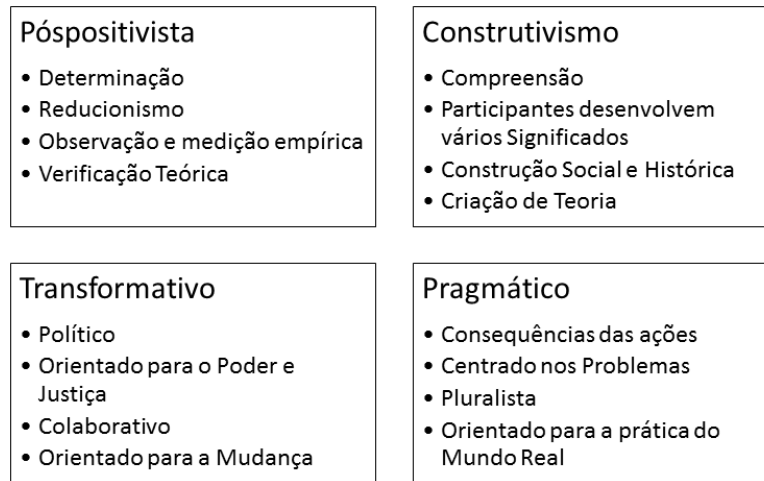
Fig. 2 – Enquadramento para a investigação: a interligação entre visões do mundo, design e métodos (CRESWELL, 2014, adaptado)



No que respeita o indicado na primeira etapa, e com base em Creswell (2014), o enquadramento teórico ou paradigma, que ele apelida de visão do mundo (Figura. 2) por estar ligado às crenças, inclinações dos investigadores, pode ser atualmente dividido em Póspositivista, Construtivista, Pragmática ou Transformativista, tal como apresentado por MacKenzie e Knipe (2006). Creswell (2014) considera que estas visões do mundo influenciam a escolha da abordagem (Qualitativa, Quantitativa ou Mista), os “*Designs*” (desenho ou modelo da investigação) ligados a essas abordagens (por exemplo Experiências, para a quantitativa; Etnografias, para a qualitativa; Explanatória Sequencial, para os mistos) e os métodos (as questões, a recolha de dados, a análise de dados, a interpretação, a validação).

Nesta perspectiva, Mertens (2009, p.2) refere que a natureza exata da definição da investigação é influenciada pelo enquadramento teórico do investigador e que a teoria é utilizada para estabelecer relações entre constructos que descrevem ou explicam um fenómeno, indo para além do evento local e tentando ligá-lo a eventos semelhantes. O enquadramento teórico, distinto de teoria, é referido por vezes como paradigma e, de acordo com MacKenzie e Knipe (2006), influencia a forma como o conhecimento é estudado e interpretado. A escolha do paradigma determina a intenção, motivação e expectativas da investigação. Sem identificar um paradigma como primeiro passo, não há base para as escolhas subsequentes em termos de metodologia, métodos, literatura e desenho da investigação. Também é pertinente a distinção apresentada por MacKenzie e Knipe (2006) relativamente à metodologia, entendida como a abordagem geral para a investigação ligada ao paradigma ou enquadramento teórico, e método, que diz respeito aos modos, procedimentos ou ferramentas sistemáticas utilizadas para a recolha e análise dos dados.

Fig. 3 - Quatro visões do mundo (CRESWELL, 2014)



Partindo de Creswell (2014), MacKenzie e Knipe (2006) e Mertens (2009), considera-se que existem diferentes termos usados na literatura para referir os paradigmas (Figura 3). Assim, o paradigma Pós-positivista pode ser identificado ou relacionado com o Experimental, o Quáasi-experimental, o Correlacional, o Causal comparativo, o Quantitativo, os Ensaio Controlados Aleatórios, o Determinativo, o Reducionismo, a Observação e medição empírica, a Verificação Teórica. O paradigma Construtivista pode ser indicado como o Naturalista, o Fenomenológico, o Hermenêutico, o Interacionismo Simbólico, o Etnográfico, o Qualitativo, a Investigação-Ação Participativa, a procura da Compreensão, em que os participantes desenvolvem vários significados, a Construção Social e Histórica, a Criação de Teoria. O Paradigma Transformativista pode ser relacionado com a Teoria Crítica, o Neo-Marxista, as Teorias Feministas, a *Critical race theory* (Teoria Crítica aplicada a estudos que relacionam a raça, a lei e o poder), o Freirístico (ligada aos estudos de Paulo Freire, principalmente sobre a opressão), a Participativa, a Emancipadora, a Pós-colonial/indígena, a Teoria *Queer*, as *Disability theories* e a Investigação-Ação, Orientado para o Poder e Justiça, o Político, o Colaborativo, o Orientado para a Mudança. O paradigma Pragmatista está ligado aos métodos mistos, aos modelos mistos, e à teoria participativa, Centrado nos Problemas, as Consequências das ações, Pluralista, Orientado para a prática do Mundo Real.

A caracterização destes paradigmas é feita com base em Mertens (2009), que os aborda em termos de Axiologia (valores/natureza do comportamento ético), Ontologia (natureza da realidade), Epistemologia (natureza do conhecimento, relação entre o conhecedor e o objeto de conhecimento) e Metodologia (abordagem da investigação sistemática). Assim, tendo em conta a Axiologia, o pós-positivismo reflete o respeito pela privacidade, o consentimento informado, o minimizar danos (beneficiar) e a Justiça/igualdade de oportunidades, enquanto que o Construtivismo apela à representação equilibrada dos vários pontos de vista, a consciencializar os participantes e relacionar-se com a comunidade. Por sua vez, o Transformacionismo defende o respeito pelas normas culturais, a beneficência definida em termos da promoção dos direitos humanos e reforço da justiça social, e a reciprocidade, enquanto que o Pragmatismo se caracteriza por adquirir conhecimento em busca dos fins desejados, por influência dos valores e ideias políticas do

investigador. Em termos de Ontologia, o Pós-positivismo defende a existência de uma única realidade, conhecível dentro de determinado nível de probabilidade, enquanto que o Construtivismo considera a existência de múltiplas realidades, socialmente construídas. O Transformacionismo rejeita o relativismo cultural, reconhecendo que as várias versões da realidade baseiam-se no posicionamento social e o reconhecimento consciencioso das consequências das versões da realidade dos privilegiados, enquanto que o Pragmatismo considera que existe uma só realidade e que todos os indivíduos têm a sua interpretação dessa realidade. Do ponto de vista de Epistemologia, para o Pós-positivismo a Objetividade é importante e o investigador manipula e observa de forma desapaixonada e objetiva, enquanto que o Construtivismo defende a ligação interativa entre o investigador e participantes, a explicitação dos valores, e a existência de resultados criados. Para o Transformacionismo existe uma ligação interativa entre investigador e participantes, o conhecimento situado social e historicamente, e a necessidade de abordar as questões de poder e confiança, enquanto que o pragmatismo considera que as relações na investigação são definidas pelo que o investigador considera apropriado para cada estudo em particular. Na perspetiva da metodologia, o Pós-positivismo identifica-se por uma abordagem quantitativa (primariamente), interventiva, descontextualizada, enquanto que o Construtivismo aponta para uma abordagem qualitativa (primariamente), hermenêutica, contextual, com a descrição dos fatores contextuais. O Transformacionismo adota uma abordagem qualitativa (dialógica), mas podem ser utilizados métodos quantitativos e mistos, com a descrição dos fatores contextuais e históricos, especialmente quando relacionados com a opressão, enquanto que o Pragmatismo procura adequar os métodos às questões e propósitos específicos da investigação, podendo usar métodos mistos, na medida em que o investigador trabalha de um lado para outro entre as várias abordagens. Adicionalmente, e na perspetiva de Cherryholmes (1992) e Tashakkori e Teddlie (1998), verifica-se que a generalização no Positivismo tem lugar independentemente do tempo e do contexto, enquanto que nos outros paradigmas tem lugar atendendo ao tempo e ao contexto. A nível de causalidade, o Positivismo considera existirem causas reais que precedem ou são simultâneas dos efeitos, o Construtivismo defende que não é possível distinguir entre causa e efeito, e para o Pragmatismo existem relações de causalidade que não são possíveis de determinar na sua totalidade. Em relação à lógica dedutiva, a argumentação, no Positivismo é feita sempre do geral para o particular, no Construtivismo é feita sempre do particular para o geral e no Pragmatismo tanto pode ser feita do geral para o particular como do particular para o geral.

De acordo com Mertens (2009, pp. 8-10) e MacKenzie e Knipe (2006), autores como Mac Naughton *et al.* (2001) identificam mais um paradigma, ligado ao desconstrutivismo. Esse paradigma, apelidado de pós-estruturalista, procura compreender a dinâmica das relações entre conhecimento/significado, poder e identidade e enfatiza a natureza local do conhecimento, colocando limites rígidos na validade do conhecimento reunido e produzido. Este paradigma aplica dados recolhidos e analisados por métodos qualitativos.

No que se refere aos *Designs* de Investigação, que aqui se opta por traduzir por Modelos de investigação, mas que também conhecidos por Estratégias de Investigação, Creswell (2014) considera que se trata de tipos de investigação dentro de abordagens qualitativas, quantitativas e mistas, e que fornecem orientação específica para procedimentos num projeto de investigação. Não sendo a intenção deste trabalho detalhar os tipos de investigação dentro dos modelos de investigação, pode-se avançar que os modelos de investigação quantitativos incluem investigação experimental e investigação não

experimental (como o caso dos inquéritos). Os modelos de investigação qualitativos incluem a investigação narrativa, a fenomenológica, a Teoria Fundamentada, a etnográfica e o estudo de caso. Os modelos mistos incluem investigação convergente, a explicativa sequencial, a exploratória sequencial, a transformativa, integrada, ou multiface.

Fig. 4 – Métodos quantitativos, qualitativos, mistos (CRESWELL, 2016)

Quantitativo	Qualitativo	Misto
<ul style="list-style-type: none">• Pré-determinado• Questões baseadas em instrumentos• Dados de desempenho, de atitude, observacionais, recenseamento• Análise Estatística• Interpretação Estatística	<ul style="list-style-type: none">• Métodos Emergentes• Questões Abertas• Dados de Entrevistas, de Observação, de Documentos, Audiovisuais• Análise textual e de imagens• Interpretação de Temas, Padrões	<ul style="list-style-type: none">• Métodos predeterminados e emergentes• Questões Abertas e Fechadas• Múltiplas formas recorrer a vários dados• Análise Estatística e Textual• Interpretação entre várias bases de dados

Na perspetiva de MacKenzie e Knipe (2006), os termos empregados para distinguir estes modelos e também os métodos referem-se à recolha e utilização de dados numéricos, quando quantitativos; qualitativos quando se referem a dados como palavras, imagens, artefactos; e os mistos, que se reportam aos dois tipos de dados. Para Creswell (2014), (Figura 4) os métodos relativos às formas de recolha, análise e interpretação de dados que os investigadores propõem para os seus estudos, caracterizam-se, quando se referem a métodos quantitativos, por serem pré-determinado, com questões baseadas em instrumentos, relativos a dados de desempenho, de atitude, observacionais, recenseamento, com análise estatística e interpretação estatística; quando se referem a métodos qualitativos, por serem métodos emergentes, com questões abertas, relativos a dados de entrevistas, de observação, de documentos, audiovisuais, com a análise textual e de imagens e interpretação de temas e/ou padrões; quando se referem a métodos mistos, por serem tanto métodos predeterminados e emergentes, com questões abertas e fechadas, múltiplas formas de recorrer a vários dados, com análise estatística e textual e interpretação entre várias bases de dados.

Nesta lógica, as três abordagens podem ser caracterizadas em termos de pressupostos filosóficos utilizados, estratégias de investigação aplicadas, métodos aplicados, práticas de investigação utilizadas pelo investigador. Assim, a abordagem qualitativa produz afirmações de conhecimento pós-positivista, aplica estratégias como inquéritos e experiências, métodos como questões fechadas, abordagens pré-determinadas, dados numéricos, e as práticas incluem o teste ou verificação de teorias e explicações, identificar variáveis a estudar, relacionar variáveis em questões ou hipóteses, o uso de normas de validação e fiabilidade, a observação e medição da informação numericamente, a utilização de abordagens imparciais e aplicação de procedimentos estatísticos. As abordagens mistas caracterizam-se por tecerem afirmações de conhecimento pragmático, com estratégias sequenciais, paralelas, e transformativas, aplicando métodos como questões abertas e fechada, abordagens emergentes e pré-determinadas, dados e análises quantitativas e

qualitativas, e práticas que incluem a recolha dados quantitativos e qualitativos, desenvolver uma lógica para combinação, integrar os dados em diferentes estádios da pesquisa, apresentar imagens visuais dos procedimentos no estudo e aplicar práticas da pesquisa qualitativa e quantitativa. As abordagens qualitativas produzem afirmações de conhecimento construtivista/transformativo, aplica estratégias de investigação como a Fenomenologia, a Teoria Fundamentada, a Etnografia, a Estudo de Caso, a Narrativa, aplica métodos com questões abertas, abordagens emergentes, dados de texto ou imagem, e práticas que incluem O/A investigador/a tomar posição, recolher os significados dos participantes, focar-se num único conceito ou fenómeno, transportar valores pessoais para o estudo, estudar o contexto ou posicionamento dos participantes, validar a precisão dos resultados, fazer a interpretação dos dados, estabelecer um programa para a mudança ou reforma e colaborar com os participantes.

MacKenzie e Knipe (2006) sugere que são o paradigma e a questão de investigação que devem determinar quais serão os métodos de recolha e análise de dados (métodos qualitativos / quantitativos ou mistos) mais apropriados para um estudo. Assim, e com base em Mertens (2009), considera-se que o paradigma Positivista/ Pós-positivista utiliza primariamente métodos quantitativos, e ferramentas de recolha de dados como experiências, quasi-experiências, testes e escalas; no paradigma Interpretativista/Construtivista predominam métodos qualitativos, com ferramentas de recolha de dados como entrevistas, observações, análises de documentos e análise de dados visuais; o paradigma Transformativo utiliza métodos qualitativos com métodos quantitativos e mistos, tendo em conta fatores contextuais e históricos descritos, especialmente como eles se relacionam com a opressão, e com uma gama diversa de ferramentas com a particular necessidade de evitar a discriminação (Ex.: sexismo, racismo e homofobia); no paradigma pragmático podem ser empregues métodos qualitativos e / ou quantitativos, sendo compatíveis com as questões específicas e finalidade da pesquisa, e podem incluir ferramentas dos paradigmas positivista e interpretativista, como são exemplo as entrevistas, observações e ensaios e experiências. No entanto MacKenzie e Knipe (2006) consideram ser possível que qualquer paradigma empregue métodos mistos ao invés de se restringir a qualquer método, o que pode potencialmente diminuir e limitar desnecessariamente a profundidade e a riqueza de um projeto de investigação.

Para Creswell (2014) a investigação quantitativa utiliza uma abordagem dedutiva, em que o investigador começa por testar ou verificar uma teoria, para depois testar hipóteses ou questões de investigação retiradas da teoria. Em seguida o investigador define e operacionaliza variáveis derivadas da teoria e finalmente mede ou observa variáveis utilizando um instrumento para obter resultados de pontuações. Segundo o mesmo autor, os estudos qualitativos utilizam uma lógica indutiva, em que o investigador identifica generalizações ou teorias a partir de experiências passadas e da literatura, em seguida procura padrões gerais, generalização ou teoria de temas ou categorias. Em seguida, o investigador analisa dados para formar padrões ou categorias, para depois elaborar questões abertas aos participantes ou regista notas de campo, e poder posteriormente recolher informação (ex.: entrevistas, observações).

Com base nestes dados, e tendo em conta a especificidade do tema que se pretende abordar no âmbito da dissertação, considerou-se a pertinência da utilização de uma abordagem qualitativa, que carece sempre da análise, interpretação e validação dos dados em bruto (transcrições, notas, imagens, etc.). Para Creswell (2014), esta análise e interpretação inicia-se pela organização e preparação dos dados para análise, passando-se à leitura de

todos os dados, que serão em seguida codificados (manual ou informaticamente) por temas e descrições. Posteriormente, é desenvolvido um trabalho de relacionar os temas e descrições (por meio da Teoria fundamentada, estudo de caso, etc.), para que seja possível interpretar o significado dos temas/descrições. Todas estas etapas requerem que seja efetuada uma constante validação dos dados. Assim, a validação qualitativa significa que o investigador verifica a precisão dos resultados através da aplicação de determinados procedimentos. Tal inclui a identificação das etapas para verificar a precisão e credibilidade dos resultados da sua investigação. Paralelamente, a interpretação do significado dos temas/descrições constituirá uma narrativa, a qual é necessária validar cientificamente, nomeadamente pela verificação da fiabilidade qualitativa, em que o investigador verifica se a sua abordagem é consistente com estudos de outros investigadores e diferentes projetos. Creswell (2014) apresenta um conjunto de estratégias de validação a serem aplicadas na investigação qualitativa, como são exemplo a triangulação, verificação de membros da (equipa de) investigação, transmissão dos resultados através de uma descrição detalhada e profunda, esclarecer todo o viés que o investigador possa transportar para a investigação, apresentar informação discrepante ou que negue e contrarie os temas apresentados, despende bastante tempo no trabalho de campo, verificação por pares, que assim revêm e fazem perguntas sobre o estudo qualitativo para que tenham em conta interpretações que não a do investigador, e a utilização de auditores externos ao estudo. Ainda segundo este autor, a generalização nos estudos qualitativos só pode ocorrer quando os investigadores estudam casos adicionais e generalizam os resultados aos novos casos, tal como ocorre com a replicação usada na pesquisa experimental. No entanto, a repetição dos resultados de um estudo de caso num novo cenário exige procedimentos qualitativos bem documentados, nomeadamente a existência de um protocolo para documentar detalhadamente o problema e o desenvolvimento de uma meticolosa base de dados de estudos de caso.

Mack, Woodson, MacQueen, Guest e Namey, (2005) apresentam algumas das abordagens qualitativas mais utilizadas. Assim, a observação participante tem origem na Etnografia, com o objetivo de conhecer as percepções da população estudada e permite a percepção de contextos, relações, comportamentos. Também pode fornecer informação previamente desconhecida pelos investigadores e que é crucial para o desenho do projeto, recolha de dados, e interpretação de outros dados. No entanto é demorada, a documentação depende da memória, disciplina pessoal e diligência do investigador e requer um esforço consciente de objetividade porque o método é inerentemente subjetivo. As entrevistas em profundidade têm como objetivo conhecer a perspetiva do participante (considerado o especialista) relativamente ao tópico da investigação, sendo apropriado para captar experiências, opiniões, sentimentos individuais e abordar assuntos sensíveis. Tal permite captar respostas aprofundadas, com *nuances* e contradições, e captar a perspetiva interpretativa, i.e., as ligações e relações que uma pessoa identifica entre acontecimentos, fenómenos e crenças em particular. Por sua vez, os grupos focais têm como objetivo conhecer as normas sociais duma comunidade, e a gama de perspetivas que existem nessa comunidade, saber o que o grupo deseja, ou ambiciona, sendo apropriado para identificar normas do grupo, captar opiniões sobre as normas de grupo e descobrir variedade dentro de uma população. Tal permite captar informação sobre uma gama de normas e opiniões em pouco tempo, e a dinâmica de grupo estimula a conversação e reações. A Teoria Fundamentada é apresentada como tendo duas perspetivas, a tradicional, de Glaser, e a evoluída, de Strauss e Corbin, e que são analisadas tendo em conta a sensibilidade teórica, codificação e diagramação, e a identificação da categoria central. Assim, a Teoria Fundamentada tradicional defende a entrada no campo com poucos pensamentos

predeterminados ou, idealmente, como *tabula rasa* e não produzir revisão da literatura sobre o assunto para não contaminar a análise. Os dados são vistos como uma entidade separada do investigador e dos participantes, e a codificação é considerada uma ferramenta analítica fundamental, distinguindo vários tipos (inicial, teórica e comparativa) e considera 18 famílias de códigos. Considera a existência de uma dicotomia entre emergência e construção, na medida em que uma categoria emerge de entre várias, formando um núcleo distinto, dotado de coerência própria. A Teoria Fundamentada aceita a revisão da literatura para estimular o pensamento analítico e também o recurso a técnicas de análise para estimular a reflexão e desenvolver a sensibilidade do investigador. Tal permite desenvolver métodos complexos, rigorosos e densos de codificação, considerando os tipos de codificação aberta, axial, e seletiva. O *Paradigma de análise* prevê a existência de condições, ações/interações e consequência e considera o uso de diagramas fundamental, desde o início da análise. A categoria central é aqui identificada através da codificação selectiva, tendo um papel central na “história”, e a teoria é a conceptualização final da categoria central.

Conclusão

As questões ligadas à metodologia, que são abordadas neste trabalho, são comuns a todas as investigações, de todas as áreas da investigação científica. Apesar de se abordarem alguns paradigmas e métodos que não vão ter aplicabilidade no estudo específico que se pretende fazer no âmbito da investigação de doutoramento, todas estas metodologias e métodos estão aptas para serem utilizados em estudos de Ciência de Informação e, mais especificamente, no âmbito da Avaliação Arquivística da Informação Eletrónica, de onde este estudo tem origem. Eles permitem identificar e abordar a questão sob diversos prismas, consciencializar para a tolerância e multiplicidade de contextos, valorizar diferentes cosmovisões dos participantes e, assim, recolher dados variados e pertinentes, validar análises de dados, interpretações, resultados e modelos, e espoletar novas questões, fomentando novos estudos que aprofundarão a área científica, resultando em maior Conhecimento.

Referências bibliográficas

CHERRYHOLMES, Cleo

1992 Notes on pragmatism and scientific realism. *Educational researcher*. 21:6 (1992) 13-17.

CRESWELL, John

2013 *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. 4th ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

FREITAS, Maria Cristina Vieira de

2016 Guardar ou não guardar?: o carácter transversal da avaliação arquivística nos novos contextos digitais. In *Encontro de Curadoria Digital*. Lisboa: FCT, 2016.

KETELLAR, Eric

2001 Tacit narratives: the meanings of archives. *Archival Science*. 1:2 (2001) 131-141.

MACK, Natasha [et al.]

2005 *Qualitative research methods: a data collector's field guide*. Research Triangle Park: Family Health International, 2005.

MACKENZIE, Noela; KNIPE, Sally

2006 Research dilemmas: aradigms, methods and methodology. *Issues in Educational Research*. 16:2 (2006) 193-205.

MERTENS, Donna

2009 *Research methods in education and psychology: integrating diversity with quantitative and qualitative approaches*. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

REY, Fernando

2006 *Investigación cualitativa y subjetividad*. Guatemala: Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala, 2006.

RIDENER, John

2009 *From polders to postmodernism: a concise history of archival theory*. Dulhuth: Litwin Books, 2009.

RIDLEY, Diana

2012 *The Literature review: a step-by-step guide for students*. 2nd ed. Los Angeles: SAGE, 2012.

TASHAKKORI, Abbas; TEDDLIE, Charles

1998 *Mixed methodology: combining qualitative and quantitative qpproaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

Luís Corujo | luiscorujo@campus.ul.pt

Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras